

A SOCIOLOGIA DE A. FONTES EM "OS CORUMBÁS"

Vitório Dela Bruna

"Bem aventurados os tempos que podem ler no céu estrelado o mapa dos caminhos que lhes estão abertos e que têm de seguir". A topologia social de AF forma verdadeira constelação, onde subsistemas agrupam os personagens - aqui coordenando-os, ali subordinando-os a situações psicofísicas.

Lukács referindo-se ao "idealismo abstrato" da arte, diz que "a alma encolhe ou alarga". É o que acontece aos Corumbas e a outros personagens do romance. Não têm aptidões interiores para a realização do ideal. As opressões externas, o determinismo da seca impede que a terra lhes forneça o pão. A miséria e a fome os oprimem. Eles se encolhem. Aceitam as condições, sonham na esperança de melhorar; mas tornam-se vítimas de si mesmos. Buscam um lugar ao sol de uma sociedade humanizada: "Na Capital, havia emprego decente para as duas meninas... Uma outra vida, enfim. Vestia-se melhor, andava-se no meio da gente (...), lá as filhas logo casariam... As duas mais novas iriam para a escola". (10)

Aquí, vai um parêntese para limpar o campo deste ensaio. É necessário não esquecer que a Sociologia da Literatura apresenta múltiplos pontos de abordagem: a Influência da Literatura na Sociedade, a Sociologia do Escritor, a Sociologia da Obra depois de publicada, a Sociologia da Obra, como reflexo de uma situação sócio-histórica, etc.

Hans-Norbert Fügen³ condena radicalmente "o princípio do compromisso da literatura". Segundo ele a realidade existe independentemente da literatura. Para Fügen a Sociologia Literária limita-se ao leitor, à publicação e ao comércio da obra, às bibliotecas e aos escritores.

René Wellek⁴, contestando o "axioma falso": "a literatura é a expressão da sociedade" do Visconde De Bonald, mostra-se pretaiosamente radicalista. (Aliás, é característica de certos "talentos" não entender o pensamento alheio, para justificar o combate destrutivo que promovem, sobre cujas ruínas constroem as próprias idéias). Apesar dos poucos conhecimentos que temos da obra do Visconde, ousamos entender que ele nunca teria confundido história social com criação literária, inspirada nas causas e nos efeitos de uma situação sócio-histórica. Seja qual for a teoria de De Bonald, a literatura é criação do homem. Este por natureza é gregário, é social; portanto literatura é expressão da sociedade.

No caso brasileiro dos últimos 50 anos, há de se admitir, não se tratar de uma literatura doutrinariamente enganjada; mas circunstancial, participante do momento sócio-histórico. O romance da década de 30, no qual se inclui a obra "Os Corumbas" de Amando Fontes (1933), seguiu à risca os mandamentos do MODERNISMO:

"uma literatura expressiva do povo".

"uma literatura cujo conteúdo fosse à realidade social".

Este trabalho, que tem por objetivo o ensaio, abordará a sociologia de uma obra literária, que no dizer de Amândio César é "um documento humano" (2.^a aba) de uma época, podemos afirmar.

Lucien Goldmann⁵ no "ensaio de estudo sociológico sobre o teatro de Genet" condena o estudo tradicional da sociologia literária que procura nas "obras mais o documento que a literatura". Na sua Sociologia Estruturalista Genética parte de premissas, entre elas o recenseamento das "estruturas mentais", que consiste em levantar a ideologia da época, formada pela mentalidade coletiva; e que o escritor conseguiu estruturar na obra literária.

O livro de AF aparece no decênio do romance socialista moralizante. Como afirma Otto M.^o Carpeaux⁶: "É legião, na América Espanhola, o número de romancistas que exercem crítica social de tendências revolucionárias". Assim era na Europa, talvez um pouco antes, e na Rússia com sua literatura de compromisso.

Alfredo Bosi⁷ corrobora nosso pensamento, quando escreve: "Assim, ao realismo "científico" e "impessoal" do século XIX preferiram os nossos romancistas de 30 uma visão crítica das relações sociais".

Não podia ser outro o motivo de AF escrever "OS CORUMBAS", que não fosse denunciar a problemática social de uma fase histórica: "Iam em busca do pão. Um negro pão, que, a troco de trabalho, lhes forneciam as Fábricas de Tecidos.

"Elas estavam lá, acaçapadas e enormes. Eram duas: a da Companhia Sergipana de Fiação, o povo cognominava a Sergipana, e a Empresa Têxtil do Norte, apelidada simplesmente de Têxtil.

"Todos os dias, os seus grandes portões, escancarados, travavam para mais de três milhares de operários.

"Mais de três milhares... Gente de todas as cores, de vários tipos, lembrando as raças mais diversas. Poucos homens fortes. Mulheres feias, quase todas.

"Eram praiheiros de S. Cristóvão e Itaporanga; camponeses do Vaza-Barris, da Cotinguiba; sertanejos de Itabaiana e das Caatingas - que num dia ou outro, tangidos pela mais áspera miséria, haviam desertado de seus lares, na esperança de uma vida melhor pelas cidades". (18, 19)

AF ao relatar os seis anos vividos pelos Corumbas em Aracaju, apresenta um chão romanesco superpovoado, onde nada menos de sessenta e seis pessoas se movem e se relacionam entre si e com muitas outras, cujo nome o autor omite.

O mundo da obra centra-se no Capital e no Trabalho, sobre a Posse e a Fome, onde reina a exploração do homem pelo homem; sem contudo, atingir às proporções do mundo cão que vitima a sociedade de Marques Rebelo em "Marafa".

Não se trata de uma história social que o momento histórico e o meio ambiente apresentaram a AF; mas é um mundo físico e ideológico disperso, que o escritor, com sua liberdade criadora, soube englobar numa estrutura romanesca, dando-lhe como protagonista vencedor o Destino, o Bruto Destino das criaturas. E hoje, depois de quarenta anos, temos a recensear as categorias globalizantes do romance. Aquelas "estruturas mentais" que governam os grupos da comunidade, em termos de participação ou de conflito:

É a família Corumbas formada por sete pessoas vivas e um morto de ataques de sezões. Representa a fuga do campo determinada pela seca. O casal preferia os filhos e às filhas para "... ajudá-los na rude labuta do campo". (9) As filhas: Rosenda, Albertina e Caçulinha se empregam. Belinha morre de tísica.

O reumatismo, as sezões e a tuberculose são as doenças da sociedade.

Surgem os grupos em torno de cada uma das três jovens Corumbas. No início há submissão ao lar e uma forte prevenção contra a cupidez dos homens: "Quem acredita em homem?... "Homem é pra ser tratado ali no duro. Nunca viram mulher esses diabos". (54) Vêm as oportunidades, com elas as dúvidas de um par melhor para o casamento, diante dos anos que passam. Nasce a revolta contra a mãe que as prende: "... nosso casamento ainda não se fez por culpa de sua mãe,..." (51) Acontece aquilo que João Ribeiro já disse: "Mas afinal a miséria não tem forças bastantes para resistir à cupidez dos homens" (XV) Nesta sociedade o amor se torna uma longa e difícil conquista. Depois a paixão vence. As criaturas se entregam aos impulsos do coração que domina a mente deprimida pelo acuo da fome e da miséria. É o erotismo: "... se lançou aos braços do amante". "Toque. Faça de mim o que quiser". (122) Este amor doentio satisfaz momentaneamente as pessoas, tornado-se causa do conflito; não daquela da fome,

mas daquele do espírito. A família sofre. A moça desesperada diante de um casamento moral e economicamente impossível, abandona o lar e vai "...ganhar a vida com o mercadejamento do seu corpo".(431)

"Ele não é casado?

— É. Eu sei... Mas é o único que apareceu em condições de ajudar...". (165)

No caso da mais nova, Caçulinha, atona o preconceito de classe, da velha aristocracia colonial, ainda vigente no século XX:

"Era só o que faltava! Um neto do Coronel Chiquinho Vasconcelos casar-se com uma operária do Tecido".

"Sargento Zéca tinha por detrás de si os milhares de sacos de açúcar dos parentes. Os três melhores advogados..."(163, 164)

Pedro Corumbas torna-se partidário de José Afonso, que sendo empregado na tipografia do velho jornalista, Mota Pires, liberava a Sociedade Proletária do Aracaju.

José Afonso organiza a campanha contra a exploração das Fábricas. Através do jornal "O Proletário" e de boletins, inicia a luta a favor do trabalho que era mal remunerado, sem horário, sem assistência e sem proteção. Os operários de Sergipe em conforto e bem-estar deviam igualar-se aos do Rio e S. Paulo.

Com o apoio do Presidente do Estado o movimento recrudeceu. Era o tempo da política em Sergipe: "...uma de suas efervescências periódicas". (62)

Formaram-se as mentalidades - de um lado a Associação das Indústrias, o Comércio, as Profissões Liberais solidamente organizadas e escoltadas pelo Capital; de outro o operariado indeciso: "Alguns, por serem amigos dos patrões; outros, pelo temor de serem despedidos;..."(65) e a política estadual oportunista.

"Não se arrecearam os patrões ante a ameaça. Eles sabiam que havia muita miséria entre os humildes". (61)

Os jornais do Rio de Janeiro noticiaram os incidentes na versão dada pelo Patronato e por uma facção política: "... perturbações da ordem(...) atentados contra a propriedade e a vida alheia". O Presidente da República apela para o bom senso e amizade do Governador de Sergipe a fim de "...que se faça um acordo na política estadual".

Goldmann⁵ afirma, com toda a razão, que o proletariado ocidental nunca fez revoluções socialistas. É verdade - faltou uma ideologia, como se observa no livro de AF, não houve uma consciência coletiva. Os movimentos sociais, principalmente na América Latina, até pouco tiveram uma interpretação política, e as tentativas reivindicatórias consideradas sempre subversão da ordem, uma vez que "Pereirinha e Rolando" deveriam ser incluídos na "Chapa oficial" como bons amigos do governo. Nove (9) dos chefes foram presos e deportados para o Rio de Janeiro.

A classe proletária foi assim destruída na sua fase embrionária. Restou, melhor, continuou o subproletariado em via de extin-

ção, vitimado pelo trabalho, pelo miséria e desorganização social. Longe estava ainda de se formar uma sociedade industrial análoga à que o Brasil, hoje, apresenta. Uma sociedade de consumo, plasmada numa estrutura humano-progredista.

O jornalista Saraiva sente o problema: "Ou o pobre faz justiça por suas próprias mãos, ou há de viver escravo eternamente, ...".(90)

Pedro Corumbas espera vencer com auxílio de São Paulo: "A coisa vai partir é de São Paulo. José Afonso está lá"(142)

O Poder Espiritual se faz presente na pessoa do Padre Torres, para quem a "Rerum Novarum" seria a manual "...da melhor organização social do mundo". (90)

O grupo do fazendeiro João Piancó está condicionado a duas forças de ação antagônica - primeiro a tradicional festa de São José, que com seus folguedos aproxima as pessoas; depois a seca pertinaz e desoladora que desgosta as criaturas à morte, dispersando-as.

AF registra procedimentos repetitivos nas sociedades de outras épocas:

A ação política baseada na conveniência;

O conflito da mãe com a filha transviada;

A prepotência do mais forte sobre o mais fraco;

O poder do dinheiro, que aparentemente tudo resolve: torce a verdade, inocenta o culpado, abafa a justiça, ampara pretensiosamente, compra a moral, abafa a consciência,...

O autor não cria arquétipos. Os personagens são locais e do momento. Hierarquizam uma sociedade completa - a família, o operário, o patrão, o negociante, o clérigo, o político, o jornalista o bom, o mau, a gestante, o doente, o médico, o morto, a criança, a justiça, o poder, a novidadeira, o bêbado, o decaído, etc.

A obra de AF apresenta uma sociedade real: uma parte dos personagens existiu de fato, a outra por sua verossimilhança se identifica com a realidade. João Ribeiro, ainda em 1933, no Jornal do Brasil afirmava: "As três raparigas devem ter existido ou existem acaso, tal é a vida que respiram no ambiente das suas terras". (XV)

As duas Fábricas de Tecidos, a Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes são tradicionais na vida comunitária de Aracaju.

A descrição física dos tipos, boa parte morenos, caracteriza o povo do Nordeste próximo. AF embora reproduza foneticamente a língua dos falantes, como faz José Américo em "A Bagaceira", caracteriza-a mais pela maneira do uso: "tudo sai do meu suor"; "um riso de mangação"; "Bote mais um tostãozinho da branca e eu vou m'embora". (92)

Inácio e Zeca usam os verbos PERDER (ficar sem) e ENGANAR na regência indireta: "perder-lhe" e "lhe enganar", fatos da realidade social.

O escritor se identifica com José Afonso pelos livros que leu.